

MÃES GUERREIRAS**SOZINHAS, ELAS MANDARAM BEM!****Seja por abandono, perda ou opção, criaram seus filhos sem o pai****AMANDA BARBIERI**

A secretária Aurení Aparecida Maia engravidou aos 19 anos de um amigo, com quem não queria manter um relacionamento. Nunca teve ajuda do pai de seu filho, seja financeira ou

emocional.

Já a autônoma Sandra Helena Simões ficou viúva aos 36 anos, quando seus filhos tinham 2 e 10 anos de idade. Ela nunca mais se casou.

A ajudante de cozinha Maria Teles da Silva Costa ficou viúva aos 18 anos, com uma criança pequena. Aos 31 foi abandonada pelo segundo marido, que a deixou com os três filhos de 13, 7 e 5 anos. Hoje, ainda mora com eles.

Além das três serem mães, elas têm a mesma garra e força comuns apenas às mulheres que, como elas, enfrentaram o preconceito, a solidão e as dificuldades financeiras e criaram, muito

bem, seus filhos sozinhas.

Aurení, Sandra e Maria viveram como 17,4% das mulheres do Brasil, que moram apenas com seus filhos, sem o pai da criança, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada em 2009 em todo o País (exceto nas regiões rurais da Região Norte).

Coragem

E, independentemente do motivo que as levou a criar essas crianças sem seus respectivos pais, todas cumpriram esse difícil papel.

"Criar um filho sem pai é uma tarefa dupla. Por isso essas mulheres são, no mínimo, muito corajosas", diz a psicóloga do Centro Universitário Monte Serrat (Unimonte), Teresa Schiff.

Hoje, elas ainda são os anjos da guarda dos filhos e comemoram suas participações na formação desses adultos honestos, educados por elas e que são imensamente orgulhosos das mães guerreiras que tiveram.

MODELO MASCULINO AJUDA A CRIANÇA

É claro que a criança vai sentir o fato de não ter o pai por perto. Mas, um avô, tio ou padrinho podem ser um grandes quebra-galhos na criação dessas crianças.

É o que explica a psicóloga da Universidade Monte Serrat (Unimonte), Teresa Schiff.

"Falta um modelo masculino. A mãe é afeto, colo, aconchego e o pai é que tem a função de introduzir o filho no mundo".

E essa falta do homem no cotidiano da criança pode interferir na construção da personalidade dela e gerar algumas inseguranças. "Por isso, é saudável a convivência com um avô ou tio, por exemplo". Teresa explica que as mães que foram abandonadas pelo companheiro não devem passar a revolta para os filhos. "Isso é ruim, porque ela pode se sentir coitada e menos do que as outras".

Dizer que papai não existe tá por fora

Cedo ou tarde, a mãe que cria seu filho sozinha terá que responder à tão temida pergunta: "Onde está meu pai?"

E, aquelas frases prontas como "eu sou sua mãe e seu pai" ou "papai foi viajar e não voltou mais" não estão com nada. Com o tempo, a vida começa a dar provas de que aquela história é uma mentira, o que pode ser muito pior.

De acordo com a mestre em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP) e autora do estudo *Nove meses na vida de uma mãe solteira: o sentido subjetivo da gravidez*, Caroline Geocze, o ideal é contar a verdade aos poucos, seja ela qual for.

"Claro que é preciso falar de acordo com a maturidade da criança, mas a mãe tem que dizer o que realmente aconteceu, pois é parte da bagagem histórica da criança e da mulher".

Supermulher

Segundo ela, é muito importante que essa mãe procure ajuda e não tente ser a "supermulher" sozinha.

"Muitas se sobrecarregam emocionalmente e ficam solitárias. Cuidar de uma criança exige muita responsabilidade e é preciso ter alguém para discutir questões sobre a educação dela".

A ajuda pode vir de familiares, amigos e até das instituições sociais.

"A mãe deve procurar um lugar ou uma pessoa que ela confie. Pode ser a escola, a igreja, o clube ou parentes, não importa. Basta ter com quem discutir as dificuldades".

Blog ajuda quem passa pela situação

Quando ouviu do pai de seu filho que ele "não tinha nada a ver com isso (gravidez)", Lilian Fernanda Gomes, que estava com seus 28 anos, decidiu: vou criar meu filho sozinha.

Fácil, não foi, principalmente na hora de driblar o preconceito de familiares, amigos e no mercado de trabalho. Mas, ela conseguiu.

"Sabia que teria que mudar de

vida. Consegui uma bolsa de estudos, iniciei o curso de Psicologia e fui atrás de emprego".

Após o nascimento do bebê, hoje com 4 anos, difícil era lidar com o olhar de pena das pessoas, que descobriam que o menino não tinha acompanhamento do pai.

"Quando me matriculei na escola, perguntaram o nome do pai e eu disse que ele estava re-

gistrado só no meu. Logo veio aquela cara de 'coitadinha da pobre criança'. Hoje até brinco com essas situações".

No ano passado, Lilian criou um blog para discutir o assunto com outras mulheres que estão na mesma situação dela, o www.sosmae-solteira.com.

"Quando a gente vê outra pessoa na mesma situação que consegue superar as dificuldades, a gente acredita que pode conseguir também".

